



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**VESTÍGIOS DA ESTÉTICA *ART NOUVEAU* NO BRASIL PRÉ-
MODERNISTA**

Maurício Silva*

No Brasil, a estética *art nouveau* ultrapassou os limites do século XIX, permanecendo presente em nossa produção cultural até, pelo menos, as duas primeiras décadas do século XX. Fundamentalmente antiacademicista e combatendo, até certo ponto, a superficialidade e o conservadorismo artístico, a estética *art nouveau* buscava diferenciar-se de modo cabal da arte acadêmica, sobretudo no que concerne às artes plásticas, mas também à literatura. O objetivo deste trabalho é analisar alguns vestígios da estética *art nouveau* no Brasil pré-modernista (passagem do século XIX para o XX), mostrando como essa manifestação artística – que, em muitos sentidos, precedeu o impulso das vanguardas modernistas – se manifesta em capas de livros, estampas e decorações gráficas, publicidade, ilustrações e desenhos etc., instaurando assim uma tendência comum na produção editorial, mas também na arquitetura e em outras áreas da arte pré-modernista.

Se, durante o período pré-modernista brasileiro – em especial no que compete à produção literária – prevalecem temas como o do helenismo/orientalismo, do mundanismo e outros, do ponto de vista formal destaca-se um conceito amplo de *ornamentação*, que pode ser entendido, em linhas gerais, como uma tendência ao floreio

* Universidade Nove de Julho.

estilístico, ao retoricismo, ao rebuscamento frásico, à prolixidade. Na literatura como nas artes desse período, a ornamentação literária se manifestou, muitas vezes, como apego a certos aspectos da estética *art nouveau*, tendência artística vitoriosa durante a *Belle Époque*.

Dissemos “certos aspectos”, pois, a rigor, a estética *art nouveau* – que se caracteriza pela busca de uma nova linguagem artística, inspirando-se nas formas orgânicas da natureza, privilegiando o domínio da sensação e do misticismo, apelando para o ornamento e para o decorativismo e tendo como temáticas privilegiadas a natureza e a mulher – é fundamentalmente antiacademicista. (CHAMPIGNEULLE, 1976; VERNEUIL & AURIOL, 1974; WALTERS, 1974) Combatendo, até certo ponto, a superficialidade e o conservadorismo artístico, ela buscava diferenciar-se de modo cabal da arte acadêmica, sobretudo no que concerne às artes plásticas, mas também à literatura. As coincidências entre o academicismo e a estética *art nouveau*, portanto, limitam-se ao aspecto da ornamentação, o que pode ser percebido, do ponto de vista gráfico, numa simples leitura das revistas literárias e/ou mundanas que circulavam no período: tanto as revistas de inclinação antiacadêmica (como *Fon-Fon*, *O Malho* ou *Careta*) quanto as de pendor visivelmente acadêmico (como *Renascença*, *Kósmos* ou a *Revista da Semana*) primavam pela valorização do ornamentalismo gráfico, com seus frisos geométricos, suas molduras florais, seus motivos naturais, seus contornos acentuados, suas estampas espiraladas... Tudo devidamente estilizado. (OLIVEIRA, 1997; ORLOV, 1980; PAIVA, 1992; FILHO, 1999; DIMAS, 1983)

No fundo, o que acabava mesmo contando era esta *fièvre ornamentale* de que fala Delevooy, levando os artistas a adaptar, sobretudo na perspectiva da forma, conceitos do artenovismo à expressão estética academicista, tornando mais efetivo o imbricamento entre as artes plásticas e a literatura. (DELEVOY, 1958; HELD, 1981; MOTTA, 1957; ZANINI, 1983; LIMA, 1985)

Críticos como Alfredo Bosi consideram o *art nouveau* uma das marcas mais salientes da *Belle Époque* literária, manifestando-se como uma prosa estilizada e ornamental:

"dos fins do século à guerra de 1914-18, a corrente mestra de nossa literatura, a que vivia em torno da Academia, dos jornais, da boêmia carioca e da burocracia, admirou supremamente esse estilo floreal, réplica nas letras do 'art nouveau' arquitetônico e decorativo que então exprimia as resistências do artesanato à segunda revolução industrial". (BOSI, 1988, p. 220, grifo meu)

Trata-se, em poucas palavras, daquele “esplendor *art nouveau*” de que nos fala Brito Broca; (BROCA, 1960) ou, para citar apenas mais um estudioso do assunto, da “exuberância ornamental” referida por José Paulo Paes, no mais consistente trabalho sobre a influência da estética *art nouveau* nas letras brasileiras. (PAES, 1985)

Não é difícil, nesse sentido, perceber a dívida de alguns dos mais representativos acadêmicos – ou que com eles estabeleciam uma nítida relação de proximidade estética – para com a expressão *art nouveau*, seja pelo emprego de temas próprios dessa tendência, como o mundanismo estilizado, e a procura de efeitos estilísticos (caso de um João do Rio ou um Benjamim Costallat); seja pela obsessão por torneios frásicos e pelo retoricismo ornamental (caso de Coelho Neto ou de Xavier Marques). (PAES, 1985; SECCO, 1978; GENS, 1995; LOPES, 1994; SALLES, 1977)

Mas nem todo ornamento provém da estética *art nouveau*. No Brasil – sobretudo entre os academicistas – tivemos, por exemplo, a prosa ornamental de Rui Barbosa, proveniente antes de seu retoricismo jurídico, ou a de Coelho Neto, nascida também de uma obstinada procura pelo linguajar preciosista e pelos efeitos de estilo; em muitos aspectos, diferente da escrita de um João do Rio ou de um Benjamim Costallat, cujos ornamentos deviam muito ao formalismo difundido pela Arte Nova.

Torneios frásicos, períodos prolixos, orações rebuscadas, excesso de subordinação nos parágrafos, efeitos de estilo, copiosidade vocabular... Essas eram as marcas predominantes do discurso academicista de feição ornamental. Tudo se resumia, no final das contas, em uma questão de estilo, afirmando-se, por um lado, aqueles que, como Coelho Neto, defendiam a “disciplina de estylo” (NETO, 1913, p. 111) e, por outro, aqueles que, como Lima Barreto, condenavam as “chinesices de estilo”, ambos os conceitos empregados aqui no sentido de pomposidade e variação. (BARRETO, 1956^a, p. 75)

Esses floreios sintáticos, esse discurso rebarbativo, essa dicção oratória e clacissizante fazem parte de um *estilo ornamental* próprio dos acadêmicos afeitos a um deliberado empolamento frásico, a um arroubo épico premeditado, a uma adjetivação exuberante e diversificada e a um vocabulário particularmente rebuscado. Mas não se trata apenas de pomposidade e rebuscamento, senão de prolixidade, o que redundava num estilo empolado, como se pode perceber também nos contos de Coelho Neto:

“Mal aparecesse solenne, pisando firme nos cothurnos classicos, envolto nas dobras da tunica com que Platão, passeiando lentamente entre os tumulos dos heróes e os plátanos, no Ceramico, falava à sadia juventude atheniense de coisas altissimas e puras, o garoto inexoravel daria immediatamente o almiré e a multidão, que afflue ao ridiculo como as piranhas atiram-se em cardume ao animal que ousa atravessar os rios que ellas dominam, principalmente se leva ferida aberta ou lanho em sangue, por-lhe-ia cerco e o teu heróe, com toda a sua graça apollinea, só conseguiria sahir das aberturas se a Policia, avisada, mandasse em seu socorro uma ‘viuva alegre’ guarnecida de praças de armas embaladas”. (NETO, 1922, p. 54)

Empregando o recurso do hipérbato, aliado à subordinação continuada e a orações intercaladas, o autor logrou criar um parágrafo particularmente complicado, cujos núcleos são algumas orações coordenadas aditivas (“o garoto inexoravel daria imediatamente o almiré”; “a multidão (...) por-lhe-ia cerco”; “o teu heróe só conseguiria sahir das aberturas”), que receberam uma série de intercalações e subordinações, criando o chamado período complexo misto.

O estilo ornamental se manifesta também, entre os acadêmicos, por descrições que primam pelos efeitos fônicos, como a aliteração, bastante sugestiva neste pequeno trecho retirado de *Tapera* (1911) de Alcides Maya:

“Ondulava-as ainda a brisa a grandes trechos; em diamantadas cambiantes, rorejava-lhes o orvalho no folhame lentescido; e quer sôbre as mais altas, desdobrando à luz, esbeltas, os pendões, quer nas que, entrelaçadas, alastravam as leivas, havia revãos precípites de pássaros, êxodos minúsculos de insetos, todo um quadro vivo de asas desatadas e frementes elitros multicores”; (MAYA, 1962, p. 53)

ou neste de *Terras Mortas* (1936) de Xavier Marques:

“Por toda a parte atalhos sombrios, soturnos caminhos outrora rechinantes de rodagem, verêdas que foram transito de boiadas e de alegres tropeiros, tudo atufado sob a flora mesquinha, rispida e semimorta dos carrascais”. (MARQUES, 1936, p. 127)

Há uma profusão de onomatopéias, com o objetivo de criar um efeito sonoro flagrante: “brisa a grandes trechos”, “rorejava-lhes o orvalho no folhame”, “entrelaçadas, alastravam as leivas”, “revãos precípites de pássaros”, “asas desatadas e frementes elitros multicores”, “atalhos sombrios, soturnos”, “rechinantes de rodagem”, “transito de boiadas e de alegres tropeiros, tudo atufado”, “rispida e semimorta dos carrascais”. Mais

um indício claro da preocupação dos academicistas com a estilização literária por meio da ornamentação e outros efeitos congêneres.

Como já destacou, com particular acuidade, Flora Süssekind,

“nos primeiros tempos do século XX (...) a opção pelos ornamentos retóricos foi uma das formas mais frequentes com que se tentou delimitar o campo do 'literário', do 'artístico' em oposição aos processos técnicos de produção e difusão de imagens e vozes”. (SÜSSEKIND, 1987. p. 57)

Eis aí palavras que resumem bem não apenas as algumas tendências artísticas, mas o espírito literário de toda uma época, inegavelmente influenciado pela estética *art nouveau*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo, Brasiliense, 1956a.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1988.
- BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil. 1900*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.
- CHAMPIGNEULLE, B. *A “Art Nouveau”*. São Paulo, Verbo/Edusp, 1976.
- DELEVOY, Robert L. *Victor Horta*. Bruxelas, Elsevier, 1958.
- DIMAS, Antônio. *Tempos Eurforicos. Análise da Revista Kosmos: 1904-1909*. São Paulo, Ática, 1983.
- FILHO, Armando Ferreira Gens. *Visibilidade e Espacialidade: Poetas, Poemas, Livros, Jornais e Centros Culturais entre 1870-1900*. São Paulo, FFLCH/USP, 1999 (Tese de Doutorado).
- GENS, Armando e GENS, Rosa Maria de Carvalho. “A Visita do Inspetor ou o Dublê de Sanitarista”. In: COSTALLAT, Benjamim. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1995, p. 09-16.
- HELD, Maria Sílvia Barros de. *Considerações Plásticas sobre “Art Nouveau” nos Anúncios Publicitários Ilustrados do Início do Século XX em São Paulo*. São Paulo, Eca/Usf, 1981 (Dissertação de Mestrado).
- LIMA, Yone Soares de. *A Ilustração na Produção Literária. São Paulo - Década de Vinte*. São Paulo, IEB, 1985.

LOPES, Marcos Aparecido. "Coelho Neto: Devaneios Poéticos na Escrita *Art Nouveau*". *Anais do Quarto Congresso da Abralic*, São Paulo, Edusp, Ago. 1994, p. 601-605.

MARQUES, Xavier. *Terras Mortas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, p. 127.

MAYA, Alcides. *Tapera (Cenários Gaúchos)*. Rio de Janeiro, Briguiet, 1962.

MOTTA, Flávio. *Contribuição ao Estudo do "Art Nouveau" no Brasil*. São Paulo, s.e., 1957.

NETO, Coelho. *Compêndio de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913.

_____. *Conversas. Contos Dialogados*. Rio de Janeiro, Anuario do Brasil, 1922.

OLIVEIRA, Ana Luiza Martins Camargo. *Revistas em Revista... Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República. 1890-1922*. São Paulo, FFLCH/USP, 1997 (Tese de Doutorado).

ORLOV, Martha Livia Volpe. *A Revista do Brasil e a Formação de uma Consciência Nacional*. São Paulo, FFLCH/USP, 1980 (Dissertação de Mestrado).

PAES, José Paulo. "O art nouveau na literatura brasileira". *Gregos e Baianos*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 64-80.

PAIVA, Denise Maria de. *As Categorias da Literatura Brasileira na Revista do Brasil (1916-9)*. Assis, Universidade Estadual Paulista, 2 vols., 1992 (Dissertação de Mestrado).

SALLES, David. *O Ficcionalista Xavier Marques: Um Estudo da 'Transição' Ornamental*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Morte e Prazer em João do Rio*. Rio de Janeiro, Francisco Alves/Instituto Estadual do Livro, 1978.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

VERNEUIL, Maurice & AURIOL, Georges. *Art Nouveau Designs in Color. Alphonse Mucha*. New York, Dover, 1974.

ZANINI, Walter (org). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles, Vol. 1, 1983.

WALTERS, Thomas (ed). *Art Nouveau Graphics*. New York, St. Martin, 1974.